
NOTAS PARA UM PANORAMA DO FOTOJORNALISMO DO *A CLASSE OPERÁRIA* (1925-1953)

DOI: <https://doi.org/10.33871/23580437.2023.10.01.111-132>

Rodrigo Rodriguez Tavares¹

RESUMO: O objetivo do presente artigo é analisar o fotojornalismo do periódico *A Classe Operária*, órgão do Partido Comunista Brasileiro, entre 1925 e 1953, data da fundação até o último exemplar disponível. Embora a produção historiográfica sobre o PCB seja vasta, o fotojornalismo do partido é uma fonte ignorada pela historiografia. A partir do levantamento de todas as fotografias publicadas nas fontes disponíveis para este período, construímos uma série documental, em ordem cronológica, abrangendo o clichê e todos os textos que se referem a ele (título, legenda, reportagem etc.). Analisamos, então, a representação dos personagens e dos cenários presentes nessas imagens, as ênfases e as ausências do discurso fotojornalístico do PCB. Concluimos, mostrando como, longe de ser uma fonte neutra, objetiva, que ilustra a reportagem, as fotografias publicadas estão carregadas de significado e contribuem para a história do PCB tanto quanto o discurso textual.

Palavras-chave: *A Classe Operária*; Partido Comunista Brasileiro; Fotojornalismo; Luiz Carlos Prestes.

NOTES FOR AN OVERVIEW OF THE PHOTOJOURNALISM OF *A CLASSE OPERÁRIA* (1925-1953)

ABSTRACT: The purpose of this article is to analyze the photojournalism of the periodical *A Classe Operária*, organ of the Brazilian Communist Party, between 1925 and 1953, date of foundation until the last available copy. Although the historiographical production on the PCB is vast, the party's photojournalism is a source ignored by historiography. From the survey of all the photographs published in the available sources for this period, we built a documentary series, in chronological order, covering the cliché and all the texts that refer to it (title, subtitle, report, etc.). We then analyzed the representation of the characters and scenarios present in these images, the emphases and absences of the PCB's photojournalistic discourse. We conclude by showing how, far from being a neutral, objective source that illustrates the report, the published photographs are loaded with meaning and contribute to the history of the PCB as much as the textual discourse.

Keywords: *A Classe Operária*; Brazilian Communist Party; Photojournalism; Luiz Carlos Prestes.

¹Mestre e Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (2004), possui também especialização em Arquivologia pelo IEB/USP (2000) e em Tradução pelo Citrat/USP (2000). É autor dos livros *Porto vermelho: a maré revolucionária* (1930 - 1951), *A moscouzinha brasileira: cenários e personagens do cotidiano operário de Santos* (1930 - 1954) e *desenhando a revolução: a luta de imagens na imprensa comunista* (1945-1964). Atualmente, investiga o fotojornalismo do PCB e a relação imagem, história e imprensa escrita. Desde 2011, é professor adjunto da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, Paraná, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/0875260642694814>, <https://orcid.org/0000-0002-1035-7973>. Email: rrtvrs2@gmail.com.

APUNTES PARA UN PANORAMA DEL FOTOPERIODISMO DE A *CLASSE OPERÁRIA* (1925-1953)

RESUMEN: El objetivo de este artículo es analizar el fotoperiodismo del periódico *A Classe Operária*, órgano del Partido Comunista Brasileño, entre 1925 y 1953, fecha de fundación hasta el último ejemplar disponible. Aunque la producción historiográfica sobre el PCB es muy amplia, el fotoperiodismo del partido es una fuente ignorada por la historiografía. A partir del levantamiento de todas las fotografías publicadas en las fuentes disponibles para este período, construimos una serie documental, en orden cronológico, que abarca el cliché y todos los textos que hacen referencia a él (título, pie de foto, reportaje, etc.). Luego analizamos la representación de los personajes y escenarios presentes en estas imágenes, los énfasis y las ausencias del discurso fotoperiodístico del PCB. Concluimos mostrando cómo, lejos de ser una fuente neutra y objetiva que ilustra el reportaje, las fotografías publicadas están cargadas de significado y contribuyen a la historia del PCB tanto como el discurso textual.

Palavras clave: *A Classe Operária*; Partido Comunista Brasileño; Fotoperiodismo; Luiz Carlos Prestes

Introdução

O objetivo do presente artigo é analisar as fotografias publicados no jornal *A Classe Operária*, entre 1925 e 1953². O fotojornalismo comunista foi praticamente ignorado pela historiografia, mas é uma fonte importante para a história do PCB. O partido já foi analisado de diversas maneiras por variados autores. Há uma produção militante produzida por comunistas (BASBAUM, 1978; LIMA, 1982); existem trabalhos pioneiros em trazer documentos raros (CARONE, 1982; DULLES, 1977); abordagens críticas do stalinismo, ressaltando tendências esquecidas do comunismo brasileiro (O Bloco Operário e Camponês com DECCA, 1981 e os trotskistas com NETO, 1993); reconstruções da atuação legal do partido (KAREPOVS, 2006; AFONSO, 2004); pesquisas sobre a atuação cultural (MORAES, 1994; RUBIM, 1986), sobre os mitos comunistas (FERREIRA, 2003), sobre a identidade/memória comunista (PANDOLFI, 1995), sobre sua atuação local (TAVARES, 2007; ADUM, 2002; ROSA, 1997), sobre alguns periódicos (GONÇALVES, 2005; POMAR, 2006), sobre as caricaturas da imprensa operária (TAVARES, 2017; GAWRYSZEWSKI, 2009), de caráter biográfico (REIS, 2014; PRESTES, 2015), dentre tantos outros recortes feitos sobre o tema PCB.

Todavia, apesar dessa ampla produção bibliográfica, as fotografias do PCB foram ignoradas. Segatto et ali é uma exceção, com a publicação de *PCB: Memória fotográfica, 1922-1982*, e sua observação sobre a historiografia ainda é atual: “...Não temos notícia de qualquer material que procure oferecer o que intentamos com este volume: uma memória visual – cronologia e iconografia – que mostre

² A coleção de jornais utilizada nessa pesquisa está majoritariamente disponível no site https://www.marxists.org/portugues/tematica/jornais/classe_operaria/index.htm. A totalidade do acervo utilizado se encontra no Centro de Documentação e Memória da UNESP, CEDEM.

sinoticamente, o diagrama histórico do pcb” (SEGATTO, J. et ali, 1982. p, 9). Ainda assim, o trabalho de Segatto envolve as fotografias, e não aquelas publicadas na imprensa do PCB.

Com essa lacuna historiográfica³, é importante saber: o que é representado nestas fotografias comunistas? Quais são as personagens e quais os cenários imortalizados no registro fotográfico? Como são representados? Quais as ausências? Quais as ênfases? Estamos entendendo, aqui, fotojornalismo como “atividade orientada para a produção de fotografias para a imprensa” e que, para “se abordar o fotojornalismo tem-se que pensar numa combinação de palavras e imagens: as primeiras devem contextualizar e complementar as segundas”⁴ (SOUZA, 2004. p.11-12).

A periodização contempla um recorte temporal extenso, mas a coleção não é completa, está concentrada, principalmente, no período da legalidade do PCB e possui uma grande lacuna de praticamente dez anos, de 1935 até 1945, período marcado pela feroz repressão ao PCB, com a ilegalidade da Aliança Nacional Libertadora, a insurreição comunista de 1935 e a consequente ditadura do Estado Novo (1937-1945). Assim, são, grosso modo, dois momentos diferentes, que servem, basicamente, como contraponto. O primeiro, de 1925-1935, e o segundo, de 1946-1953. Além da coleção de jornais do período não estar completa, alguns exemplares também não estão na sua integralidade; muitas vezes, possuem páginas faltando ou rasgadas. Todavia, o acervo existente permite analisar uma série⁵ de imagens que possibilita investigarmos aspectos do panorama do fotojornalismo comunista no período.

Pela numeração do jornal, é possível dizer que foram publicados mais de 600 exemplares do *Classop* e, do *corpus* disponível neste período (219 exemplares), 127 possuem fotografias. No entanto, uma segunda análise no material exclui os retratos individuais de personalidades e dirigentes do mundo comunista que aparecem em profusão, servindo para identificar o autor do artigo ou o tema da notícia. Em geral, os retratos são pequenos, mas foram também excluídos os retratos de maior destaque. Evidentemente, também esses retratos são construídos historicamente e mostram as mudanças no discurso do PCB. Como exemplo, poderíamos citar o retrato do Marechal iugoslavo Tito, tratado como “líder amado do povo” em 15/2/1947, mas que some dos jornais após o rompimento com a URSS em 1948. Após essa segunda seleção, são 68 exemplares que contêm fotografias e que compõem a série de fotografias, foco de nossa análise e distribuídos assim ao longo do tempo.

ANO	FOTOS
1946	46
1947	64
1948	14
1949	7

³ A lacuna pode ser estendida ao próprio fotojornalismo. Jorge Pedro Souza ressalta a “inexistência de livros sobre a história do fotojornalismo” SOUZA, J. *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*. Chapeco: Argos, Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004. No caso do fotojornalismo comunista, há um único trabalho chinês com reprodução de fotografias. ZHENSHENG, L. *Soldado rojo de las noticias*. Espanha: Phaidos, 2019. Há também LOWY, M. *Revoluções*. São Paulo: Boitempo, 2009, que faz importante pesquisa sobre as fotografias das revoluções.

⁴ SOUZA, Jorge Pedro. *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*. Chapeco: Argos, Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.p, 11-12.

⁵ A questão da série é destacada por Sergio Miceli, que analisa pinturas. In Miceli, Sergio. *Imagens negociadas: retratos da elite brasileira, 1920-40*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.142. E também por Rodrigo Motta "A seleção dos temas para compor a estrutura de capítulos do livro foi baseada na incidência, ou seja, privilegiaram-se os mais recorrentes, que permitem perceber as linhas mestras do debate político... O fato de certos temas terem sido objeto de repetição e reiteração é significativo, pois isso ajuda a revelar o eixo central das polêmicas e críticas ao governo". Motta, Rodrigo Patto Sá. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p.11. Embora a tipologia de ambas as fontes seja diversa, pintura e caricatura, optamos por utilizar a mesma metodologia para as fotografias.

1951	4
1952	1

Tabela 1 Quantidade de fotografias por ano.

Há diversos elementos que contribuem para dar significado à fotografia do jornal, como título da matéria, legenda, localização na página, tamanho etc. Na nossa análise, levaremos em conta, especialmente, o título, a legenda e as matérias em que estão inseridas as fotografias. A qualidade das imagens não é boa, e a repressão política impediu que os originais das fotografias fossem preservados pelo partido. Há algumas poucas fotografias remanescentes de toda a imprensa comunista que foram preservadas, pois foram apreendidas pela polícia política. Desse conjunto, se destacam fotografias do acervo do jornal *Hoje*, depois *Notícias de Hoje*, no acervo do DEOPS/SP (POMAR, 2006) e algumas fotografias de Ruy Santos, publicadas em diversos órgãos da imprensa comunista, preservados no DEOPS/RJ (BASTOS, 2010^a)⁶. Do jornal *Hoje*, também restaram alguns negativos em vidro, pertencentes a acervo particular (SEGATTO, et ali, 1982, p.173). No entanto, o foco desse texto são as fotografias efetivamente publicadas nos jornais, com a qualidade possível. Com a precariedade de algumas fotografias, a reportagem, o título e a eventual legenda são instrumentos extremamente importantes para uma metodologia que dê conta de analisar as fotografias.

A maioria das imagens não contém crédito, mas identificamos a origem de alguma delas. Há fotos enviadas por militantes comunistas, os correspondentes Classop⁷, fotos da Interpress, uma agência de notícias própria que alimentava os órgãos de imprensa comunista, clichês feitos pelos fotógrafos do jornal, fotos oriundas da URSS e de jornais “burgueses”.

1925 -1937

O traço mais significativo de toda a produção fotojornalística do periódico é a ausência total do operário fabril no ambiente de trabalho e do trabalhador rural nas fazendas entre 1925 e 1953. Não há uma única imagem do interior de uma fábrica, ou mesmo de trabalhadores em frente a alguma indústria. Uma hipótese para explicar a ausência pode ser a dificuldade de adentrar a fábrica com o maquinário fotográfico. Daí que a representação fotográfica do trabalhador cidadão está diluída na massa, nos comícios, nas manifestações de rua, nos sindicatos. Outra possibilidade para essa ausência é o partido privilegiar o trabalhador organizado, seja no sindicato ou no PCB, como foco das fotografias. Também os trabalhadores do campo não aparecem no ambiente de trabalho, nas fazendas e plantações, mas, surpreendentemente, já que foram, historicamente, um segmento que o PCB deu menos atenção, aparecem nas fotografias com relativa frequência.⁸ Nesse período de 1925 -1937 foram publicadas 22 fotografias.

⁶ Infelizmente, o catálogo da exposição sobre Ruy Santos, não conseguimos localizar. BASTOS, Teresa. *Ruy Santos: imagens apreendidas*. Catálogo da exposição. Rio de Janeiro, 27 de abril a 13 de junho 2010.

⁷Por exemplo, foto do classop Norberto Goelner em 1/3/1947 e em 8/3/1947, a fonte é o classop Lourival de Oliveira.

⁸ Em 1 de agosto de 1951, um anúncio do próprio *A Classe Operária* chama a atenção “para a importância e para a necessidade de discussão e ampliação das matérias publicadas pela A CLASSE OPERÁRIA. É preciso que chegue à sua redação o maior número de cartas e correspondências, especialmente das grandes empresas e fazendas (grifo nosso). O correspondente classop é um posto de honra que deve ser disputado com iniciativa, dedicação, trabalho e um desvelado carinho pelo órgão central da vanguarda comunista do proletariado brasileiro”. O trecho mostra a própria ciência do jornal sobre essa ausência, que se estende às fotografias.

Em 1/5/1928, *A Classe Operária* publica uma fotografia do prédio da Liga Operária de Sertãozinho. A legenda afirma que a edificação “revela um certo gosto arquitetural, simples e severo” e “durante 7 anos a vanguarda operária e camponesa de Sertãozinho juntou grão a grão para conseguir elevar esse edifício”. E a legenda conclui que “em torno da nova sede realizar-se-á a solda do trabalhador da cidade com o trabalhador do campo. E, fundidos num bloco, o martelo e a foice unir-se-ão ao proletariado internacional na grande luta pela emancipação”.



Figura 1 A Classe Operária, 1/5/1928. Arquivo CEDEM.

Interessante notar, justamente, que um edifício-símbolo de uma conquista dos trabalhadores da cidade e do campo não conta com nenhum trabalhador retratado, ressaltando o aspecto que afirmamos acima quanto ao privilégio da organização do trabalhador. Essa, representada pelo prédio, parece ser suficiente para afirmar a capacidade dos operários e dos camponeses. Exemplo extremo de um fotojornalismo que parece enfatizar a organização e a institucionalização como tema-chave.

Especificamente, nesse primeiro período de produção fotojornalística do PCB (1925-1935), é interessante notar que também não aparecem retratos de comunistas, ao contrário do que ocorrerá mais à frente, como veremos. Mostrar o rosto dos comunistas é uma temeridade em um momento em que o PCB é ilegal⁹ e os retratos publicados no jornal são de inimigos da classe¹⁰, nacionais ou internacionais, e fotografia das massas trabalhadoras. O rosto dos operários só aparece diluído na multidão, dificultando a identificação de alguém que poderia ser vítima da repressão. O comunista só é identificado quando morre, passando a ser mártir da causa operária, como na fotografia publicada

⁹ SEGATTO, J et ali. *PCB: Memória fotográfica, 1922-1982*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p.19. Mostra um cartaz do Bloco Operário e Camponês com o rosto de Otavio Brandão e Minervino de Oliveira. Não nos foi possível localizar, no *A Classe Operária*, o rosto dos dois, nem de nenhum outro comunista nesse período.

¹⁰ Por exemplo, em 20/7/1929, “Fontoura, chefe da polícia do (illegível), que tudo fez, inutilmente, para sufocar o movimento operário” e, em 6/7/1929, cita o “Chefe do policial Partido Trabalhista do Brasil caricatura do P. T. da Inglaterra”.

em 3/11/1935, identificando o cadáver de Mario Couto. A legenda o descreve como “heróico militante do PCB [que] tomba vilmente assassinado pelos asseclas das camarilhas dominantes. Operários, estudantes e populares cercam o corpo de Mario Couto, coberto com uma bandeira vermelha”.



Figura 2 A Classe Operária, 3/11/1935. Arquivo CEDEM.

O peso do aparato repressivo é tão grande que uma das fotografias mais importantes publicadas no *A Classe Operária* nesse período é de fevereiro de 1937 e mostra homens perfilados, que são identificados como agentes do aparato repressivo do estado brasileiro. A legenda da fotografia afirma que a imagem



Figura 3 A Classe Operária, fevereiro de 1937. Arquivo CEDEM.

traz o estado maior da ordem política e social de São Paulo, em pose especial para o fotografo da *A Classe Operária*... (...) Sobre as cabeças dessa canalha nojenta deve convergir o ódio implacável do proletariado e de todo o povo de S. Paulo. Fixai bem cada uma dessas caras repugnantes e organizai-lhe a perseguição sistemática, mobilizando contra eles a revolta de todo o povo trabalhador, tornando impossível sua vida. É preciso que esses bestiais massacradores e assassinos de militantes revolucionários sintam permanentemente a ira popular, e que nem um só deles escape ao castigo merecido.

A legenda da foto é irônica, pois, com certeza, os policiais não fizeram “pose especial para o fotografo” do jornal, sendo a origem da foto desconhecida. A legenda dá uma dimensão do conflito de classes e da dificuldade do PCB se organizar com a repressão policial. Cabia ao jornal fazer ver, aos trabalhadores, quem os perseguia e podia colocá-los no cárcere.

A massa dos trabalhadores também está presente visualmente no Classop. Em 5/5/1928, o jornal publica, no fim da página, três fotografias, uma ao lado da outra, mostrando “Aspectos do comício da praça Mauá. Estampamos, aqui, alguns flagrantes do comício-monstro realizado pela Federação sindical regional do Rio (...), a 1º de maio”. E, também, em 1/8/1934, uma fotografia tem o título de “As MASSAS marcham para o comunismo” e a legenda “Ao comício convocado em Nova York para o 1º de maio pelo Partido Comunista compareceram 47000 trabalhadores”. A imagem é uma “reprodução do jornal burguês Daily Mirror”.



Figura 4 A Classe Operária, 5/5/1928. Arquivo CEDEM.



Figura 5 A Classe Operária, 1/8/1934. Arquivo CEDEM.

Além dessas imagens da massa nas ruas, o jornal publica, em 20/7/1929, a massa em um local fechado. Com a legenda “Aspecto de uma das reuniões grevistas na sede da Aliança dos Operários do Rio de Janeiro”, essa imagem é importante, pois mostra a maior liberdade que o fotógrafo do Classop ou dos próprios grevistas tem em registrar flagrante dos trabalhadores em um ambiente mais seguro do que a fábrica ou a rua. Os grevistas não foram fotografados em seu ambiente de trabalho ou em manifestações de rua, mas sim no ambiente mais seguro do sindicato. A massa de trabalhadores em ambientes abertos, ou os grevistas em ambientes fechados, estavam nas páginas do jornal, mas quem os liderava?



Figura 6 A Classe Operária, 20/7/1929. Arquivo CEDEM.

A resposta está presente no fotojornalismo do PCB: Luiz Carlos Prestes e a URSS. O maior líder dos comunistas brasileiros foi Prestes, e as relações de aproximação e distanciamento entre o PCB e ele duram até 1935. No entanto, o fotojornalismo do PCB publicou duas fotografias sobrepostas do líder da Coluna Prestes em 6/7/1929, com a legenda “Ao alto Luiz Carlos Prestes. Em baixo o heroico general revolucionário ao lado dos últimos bravos da gloriosa Coluna Prestes”. Ao estampar o militar em seu jornal, o partido o aproximava dos militantes comunistas em um processo de transformá-lo em um herói. Ele ainda não aparece claramente liderando as massas, como em período posterior, mas a aproximação dele com o PCB já está posta.



Figura 7 A Classe Operária, 6/7/1929. Arquivo CEDEM.

Já a URSS foi o exemplo a ser seguido desde a fundação do PCB em 1922. Assim, o fotojornalismo comunista não poderia deixá-la de fora. O exemplar do jornal que mais retratou o país foi o de 1º de maio de 1935. Com uma fotografia de duas crianças deformadas fisicamente, a legenda afirma ser consequência de um “Brasil dominado por fazendeiros e capitalistas nacionais e estrangeiros. Eis aí o resultado de um regime de exploração, de fome e misérias”. Abaixo, o jornal publica uma fotografia para contrastar com a situação na URSS. A legenda descreve uma “Criança da União Soviética... gorda, sadia, bem agasalhada, olhando para a fatura. Antigamente, no governo czarista... era uma região oprimida, de povo faminto e doente. Hoje é uma região transfigurada pelo socialismo, onde habita um povo forte, sem misérias nem doenças”.

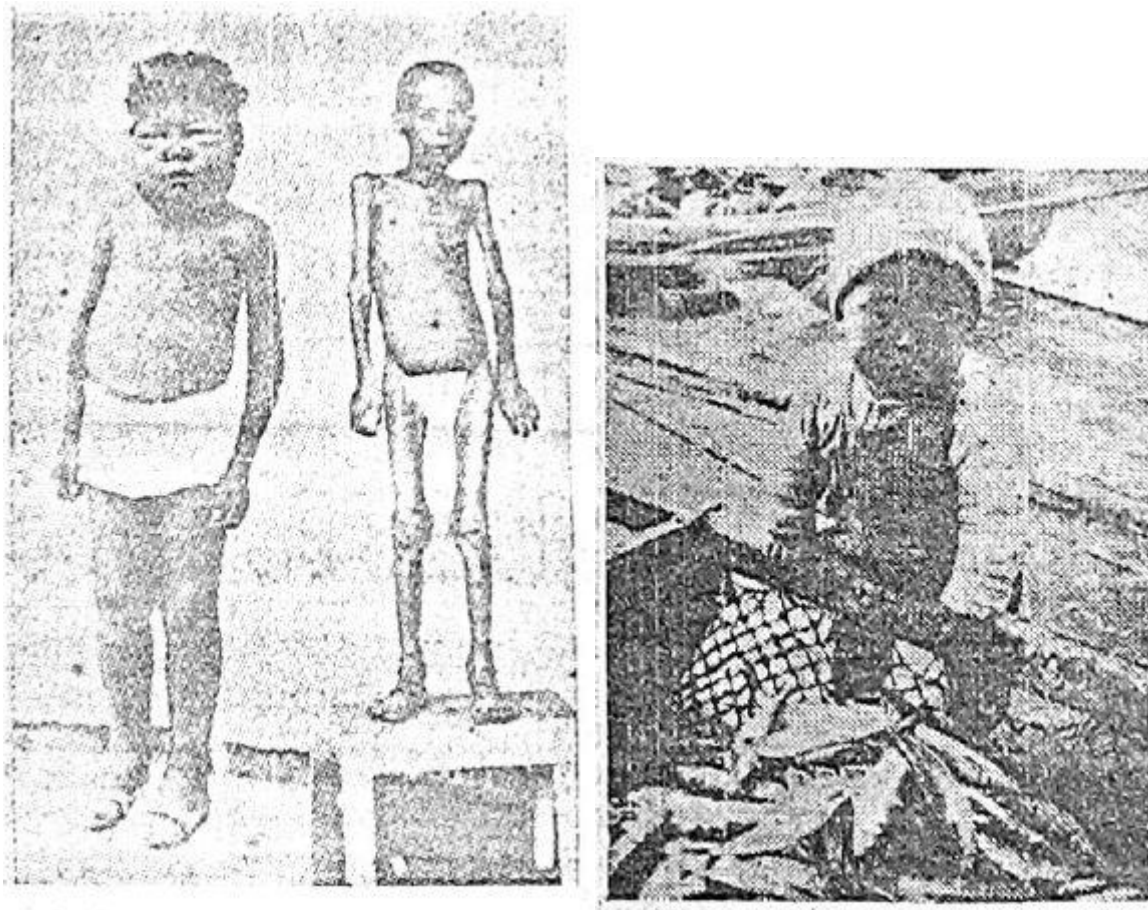


Figura 8 A Classe Operária, 1/5/1935. Arquivo CEDEM.

A comparação continua em relação aos trabalhadores rurais, com diversas fotografias, onde aparecem “Camponeses na União Soviética, divertindo-se. No governo Operário e Camponês [da URSS], a fome, a miséria e explorações só existem nas histórias contadas pelos livros ou pelos mais velhos, [que] viveram a vida martirizada do antigo regime”. Ao comentar a situação no Brasil, o jornal publica uma fotografia de uma “habitação camponesa no Brasil. Desta marca existem algumas na União Soviética, mas como museu, (lembração do czarismo)”. E continua “camponeses [da URSS] se caracterizando para uma representação teatral. No Brasil, a maioria dos camponeses nunca viram um teatro”.

No mesmo ano de 1935, temos a insurreição comunista, que tentava tomar o poder no Brasil¹¹. A *Classe Operária* publica duas fotografias sobre o assunto em 25/12/1935. A fotografia mostra soldados caminhando de braços dados e tem a legenda “Depois da heroica resistência do 3º R.I [Regimento de Infantaria] Soldados, cabos e sargentos e oficiais nacional-libertadores desfilam de braços dados, sob a mais viva simpatia dos populares”. A legenda destaca a simpatia dos populares, mas, na fotografia, não vemos ninguém para além dos próprios militares.

Na mesma edição do jornal, foi publicada fotografia do obelisco da avenida Rio Branco no Rio de Janeiro, onde os revolucionários de 1930 amarraram seus cavalos, só que, agora, em 1935, o obelisco aparece vazio e pichado, e o título da foto afirma “O MOVIMENTO VIVE”, e a legenda destaca que

¹¹ Para um balanço sobre as diferentes interpretações historiográficas sobre o assunto, ver. SILVA, Sergio. 1935: ilusão, loucura e história. Campinas, *Cadernos AEL*, nº2, 1995.

“o obelisco da avenida onde o heroísmo revolucionário gravou as palavras de ordem ‘VIVA LUIZ CARLOS PRESTES’ ‘VIVA A REVOLUÇÃO NACIONAL LIBERTADORA!’ ‘VIVA A ANL’”. As duas fotografias são sintomáticas pelo que não mostram, o apoio popular, que a tentativa de revolução efetivamente não teve.

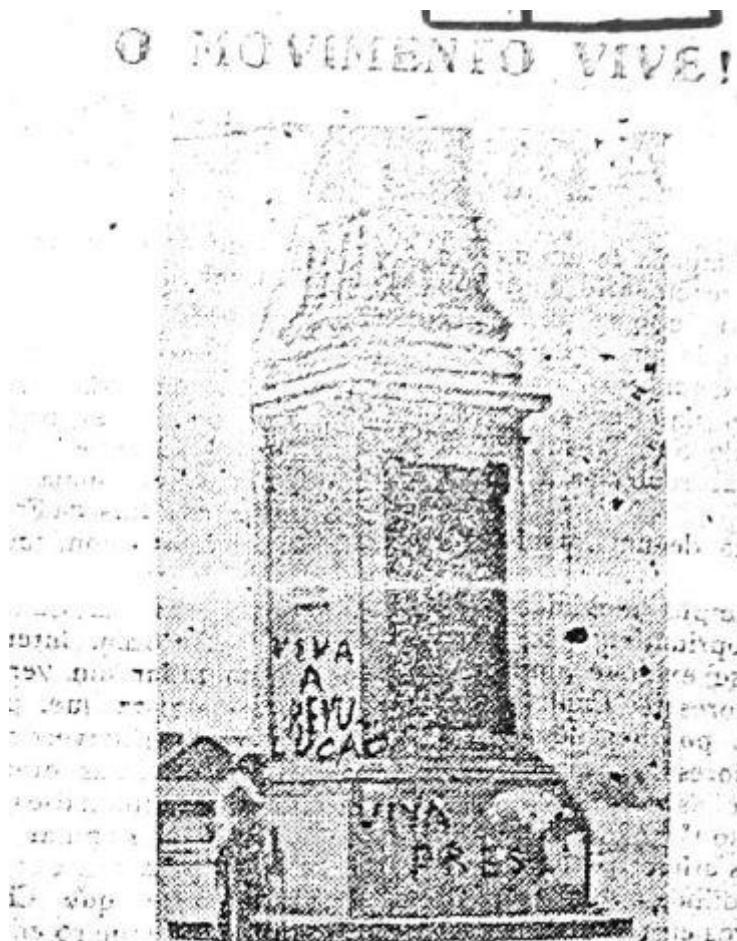


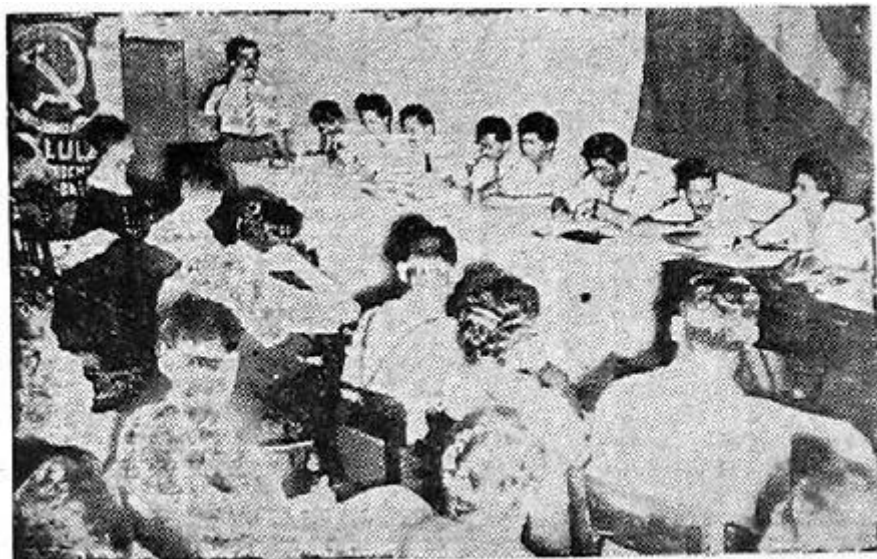
Figura 9 A Classe Operária, 25/12/1935. Arquivo CEDEM.

1946-1953

Depois de um interregno de praticamente dez anos, 1935-1945, o partido volta com muita influência devido, especialmente, ao papel da URSS na Segunda Guerra Mundial, e passa a ter vida legal entre 1945-1947, com vasta imprensa sob seu controle. Nesse período de maior profusão de imagens fotojornalísticas, são 136 no total, vemos o efeito da legalidade nelas.

Se, no período anterior, o receio da repressão evitou a fotografia dos comunistas, no período de 1946-1953, há uma profusão de rostos de comunistas no *A Classe Operária*. No período da legalidade, as imagens ajudavam também os eleitores a se familiarizarem com os candidatos, mas, mesmo com a ilegalidade do partido, em 1947, os retratos individuais são publicados às dezenas. Possivelmente, poderíamos aventar a hipótese de que a maior liberdade dos fotógrafos na democracia permite a publicação de fotografias da organização do PCB, da massa de trabalhadores, enquanto, nos períodos de ilegalidade, com maior restrição ao trabalho dos fotógrafos, o *A Classe Operária* utiliza mais fotos de arquivo, os retratos individuais dos comunistas.

Voltando à euforia da legalidade, o partido destaca a organização dos trabalhadores, via PCB, retratando o seu funcionamento interno. Agora, nesse novo período, temos um partido sob o signo da institucionalidade. Assim, as fotografias mostram o funcionamento interno do partido. Em 1/5/1946, vemos um “Aspecto da reunião do C[omitê] E[stadual] do Rio”; em 22/6/1946, a venda de exemplares do classop em fotografia de Zalmir Duarte Moreira; em 5/10/1946, vemos as oficinas do jornal A Palavra; em 12/10/1946, “o clichê acima é um flagrante da visita que fizeram a nossa redação os trabalhadores da Light recentemente postos em liberdade”. Na imagem, são identificados todos os redatores do classop presentes na fotografia; em 2/11/1946, o Comitê Municipal de Uberaba; em 7/11/1946, curso de capacitação política, em que aparecem duas fotografias juntas, uma focando em Prestes e outra, na assistência; em 19/10/1946, Comitê Municipal de Magé; em 21/12/1946, os representante da *A Classe Operária* estiveram na sede da Célula Pedro Ernesto; em 1/3/1947, temos um “flagrante do pleno ampliado do Comitê Municipal do PCB”; em 30/4/1947, os trabalhos do IV Congresso em Sorocaba; em 8/3/1947, flagrantes do pleno ampliado do PCB, com Prestes em uma fotografia e ouvintes em outra, e também o pleno ampliado do comitê estadual, com a mesma composição, foto da mesa e dos ouvintes; e, finalmente, em 15/3/1947, vemos o Comitê Estadual de São Paulo, e são identificados todos que estão na mesa. A lista é longa e mostra a euforia do partido e a importância que dava à organização dos trabalhadores, via PCB, expondo o seu funcionamento e suas personagens.



Flagrante do Pleno Ampliado do Comitê Municipal do PCB de São Paulo

Figura 10 A Classe Operária, 1/3/1947. Arquivo CEDEM



A mesa, que presidiu o último Pleno do Comitê Estadual de São Paulo, vendo-se um flagrante de quando falava o camarada Clovis de Oliveira Neto, secretário de Educação e Propaganda e suplente do C. N. Vêm-se, também, sentados, os camaradas Milton Caires de Brito, secretário político do C. E. de São Paulo e membro da Comissão Executiva; Armando Mazzo, dirigente estadual; Pedro Pomar, secretário nacional de Educação e Propaganda; Joaquim C. Ferreira e Calli Chade, dirigentes estaduais.

Figura 11 *A Classe Operária*, 15/3/1947. Arquivo CEDEM



Flagrantes do Pleno Ampliado do Comitê Nacional do Partido, vendo-se, à esquerda, o camarada Prestes, ao falar, no momento fazia a sua intervenção de encerramento dos debates em torno do informe político. À direita, parte do presidium, vendo-se os membros da Comissão Executiva Ampliada, Grabois, Pomar, Holmos e Milton Caires (ao fundo).

Figura 22 *A Classe Operária*, 8/3/1947. Arquivo CEDEM

Outro aspecto importante nesse período de legalidade é a retomada do contexto da Segunda Guerra Mundial, especificamente da luta contra o fascismo. Quando a sede do partido, em Madureira no Rio de Janeiro, é empastelada, são publicadas duas páginas inteiras, em duas edições diferentes do *A Classe Operária*, com fotografias da violência. A primeira, com o título em letras garrafais “Nazistas”, foi publicada em 21/9/1946, e a segunda, intitulada “Onda nazista” em 28/9/1946. Ambas terminavam conclamando que a resposta do povo a esses atentados nazistas estaria “em se armar solidamente com uma poderosa imprensa popular”. Também, em 11/5/1946, o *A Classe Operária* publica 4 fotografias dos soldados da FEB e legenda que

muitos jovens brasileiros ficaram para sempre enterrados em território italiano. Os que lá estiveram, os que lutaram, os que voltaram, não desejam que o sangue dos brasileiros seja derramado a não ser em guerra de libertação como a que esmagou as

forças militares do nazifascismo (...) e descreve nosso exército, utilizando as palavras de Prestes, como o “mais democrata da América”.

No fim da mesma página, o *A Classe Operária* publica 3 imagens sobre o Dia da vitória em Moscou. A aproximação simbólica entre os dois exércitos é evidente na teia de sentidos construída pelo PCB: os pracinhas têm tanta importância quanto os soviéticos. As tropas nacionais estão preparadas a “ocupar o lugar das tropas estrangeiras que permanecem injustificadamente em nosso solo.”, se referindo às tropas norte-americanas que permaneciam no país desde o fim do conflito.

Nesse contexto de rememoração do contexto da Segunda Guerra Mundial, é importante notar uma fotografia publicada em 30/3/1946. Nas fotografias publicadas dos eventos do PCB, não era incomum termos, atrás da mesa dos oradores, uma bandeira do Brasil. No entanto, nessa foto, temos, justamente, a bandeira dos aliados da Segunda Guerra Mundial: junto à bandeira do Brasil e da URSS, vemos as bandeiras dos EUA e da Inglaterra, com um retrato acima de Luiz Carlos Prestes¹². O PCB seguia uma política de ordem e tranquilidade, buscando se manter dentro do espectro legal e, nesse sentido, o próprio conflito com os EUA ganha nuances¹³.

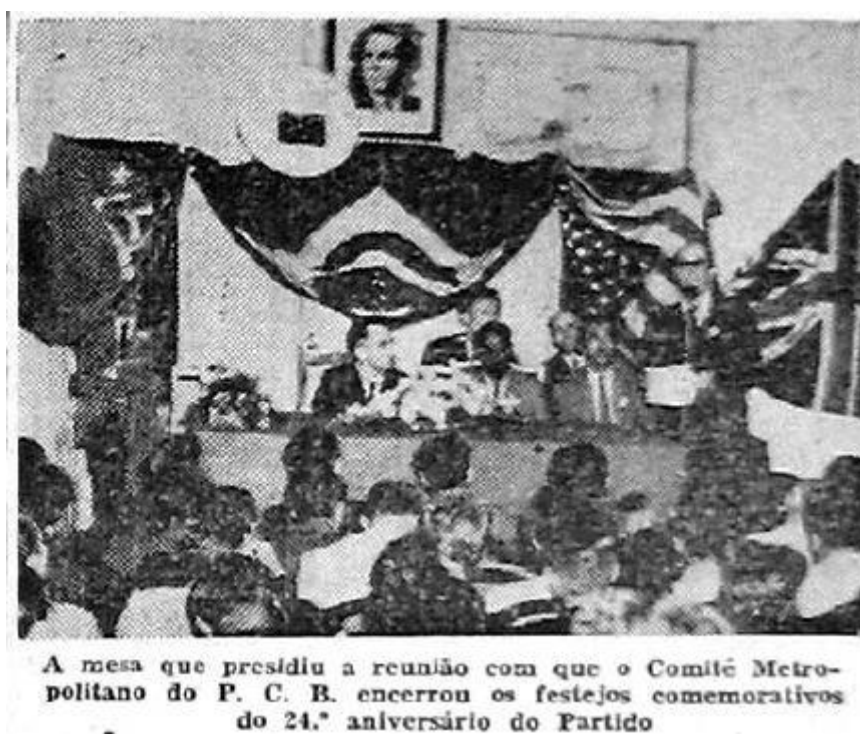


Figura 33 *A Classe Operária*, 30/3/1946. Arquivo CEDEM.

¹² Há uma fotografia da III Conferência Nacional do PCB, realizada no Rio de Janeiro em 1946, com as mesmas bandeiras, mais a da França. In. PRESTES, A. *Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro*. São Paulo: Boitempo, 2015. Caderno de Imagens.

¹³ Daniel Aarão Reis afirma que “depois de libertado, Prestes foi a embaixada dos Estados Unidos participar de solenidade em homenagem a Roosevelt... [e] Deixou-se fotografar nas janelas do prédio. Um ato simbólico, aliados na guerra, aliados na paz. No Brasil, como em todo o mundo, a união nacional forjada na luta contra o nazifascismo, continuaria a ser defendida pelos comunistas”. In. REIS, D. *Luís Carlos Prestes: um revolucionário entre dois mundos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 224.

E como era retratado Luiz Carlos Prestes e a URSS a partir de 1946? Prestes fez um grande comício no estádio do Pacaembu em São Paulo, que originou fotografias publicadas, pelo menos, 4 vezes pelo *A Classe Operária*¹⁴. O elemento principal da representação de Prestes era mostrá-lo como líder de massa. Se, no período 1925-1935, víamos as massas fotografadas nas ruas e nos sindicatos sem uma liderança explícita, aqui, não há espontaneidade da massa, dos trabalhadores. Eles são guiados por Prestes, com sua popularidade. Assim, as fotografias mostram a ligação dele com os trabalhadores, seja por meio da junção de fotografias (Prestes-trabalhadores) ou pelo texto que acompanha as imagens, invocando Prestes. Nesse período, 1946 - 1953, localizamos 17 fotografias cujo tema é Prestes.

Em 1/5/1946, o *Classop* publica foto de Salomão Scliar, que mostra um comício com as pessoas com jornais em cima da cabeça, porque estava chovendo. O fotógrafo está no meio da massa, não no palanque, e mostra uma pequena aglomeração. A legenda afirma que o comício “em que o povo carioca desagrovou Prestes dos ataques da reação... foi uma demonstração... de quanto aumenta dia a dia a popularidade do líder comunista... Essa foto (...) dá uma ideia da firmeza da massa – uma demonstração também de sua consciência política”. Em 20/4/1946, mostra Prestes saindo da prisão¹⁵ “das garras da reação para os braços do povo”, mas a fotografia é igual à publicada pelo jornal *O Globo* e, efetivamente, não mostra ninguém o recepcionando ao sair da cadeia. Em 25/1/1947, em uma fotomontagem, aparece gente com bancos na cabeça para escapar da chuva e ouvir Prestes. Em 7/1/1948, já com o partido na ilegalidade, o *A Classe Operária* publica uma foto com o título RESISTENCIA e a legenda “Prestes é o maior dirigente e organizador de massas, em toda a história política nacional – as massas unidas, ao lado de Prestes, deterão a marcha da ditadura”. No período 1946-1953, praticamente todas as fotografias da massa na rua estavam relacionadas visualmente ou textualmente a Prestes¹⁶.

¹⁴ Em 1/11/1947, 30/12/1947, 27/3/1948 e 8/1/1949.

¹⁵ Prestes deixa a prisão em 18 de abril de 1945 *In. PRESTES, A. Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro*. São Paulo: Boitempo, 2015. Caderno de Imagens. SEGATTO, J et ali. *PCB: Memória fotográfica, 1922-1982*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 74, mostra a mesma fotografia e credita à Agência Globo.

¹⁶ Duas exceções, em 20/1/1948, *A Classe Operária* mostra dois membros da FEB que tiveram seus mandatos cassados e, no meio, uma foto de uma multidão, possivelmente da recepção a FEB quando do retorno ao Brasil. Em 9/12/1947, mostra cerca de mil pessoas que assistiram a um evento para arrecadar fundos para a imprensa popular. Importante destacar, também, que Prestes viveu na clandestinidade muito tempo. Segundo Anita Leocádia Prestes, “a alegação da necessidade de garantir a segurança do secretário-geral serviu de pretexto para, durante os dez anos de clandestinidade (1948-1958), impedir Prestes de participar de reuniões partidárias. Durante todo o ano de 1948, ele permaneceu privado de qualquer contato com os membros da direção do partido.” *In. PRESTES, A. Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro*. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 280.



Figura 44 A Classe Operária, 20/4/1946. Arquivo CEDEM.

Já em relação à URSS, a questão da saúde da população soviética, em contraste com a população brasileira, permanece presente. Em 15/10/1947, uma fotografia com um desfile de jovens em Moscou tem a legenda “A saúde do povo merece o maior cuidado do governo soviético”. Embora o contraponto com o Brasil não esteja na mesma edição, como no exemplar do *Classe Operária* de 1935, podemos ver, pelas fotografias, a situação de miséria do povo brasileiro, especialmente do campo. Voltaremos a esse tema. Em conjunto com uma visão de um povo soviético mais sadio que o brasileiro, a visão sobre a URSS também está permeada pelas grandes obras do stalinismo. Em 15/10/1947, vemos “no clichê automóveis marca Moskvich” e a legenda “A União Soviética desenvolve sua indústria de paz” e, em 15/10/1947, uma fotografia de uma “das maiores represas do mundo... que aciona a estação hidrelétrica de [ilegível]”. Já em 1/12/1951, vemos “as obras stalinistas” do comunismo com duas fotomontagens idealizando a produção elétrica e a industrial. Localizamos 10 imagens sobre a URSS nesse período, 1946 – 1953.



A saúde do povo merece o maior cuidado do governo soviético. Na foto acima, vemos um desfile de jovens soviéticas na capital da URSS.

Figura 55 A Classe Operária, 15/10/1947. Arquivo CEDEM.

Para fazermos um contraponto à visão sobre a URSS, precisaríamos, primeiro, analisar o aspecto industrial da nossa economia na visão do fotojornalismo do *A Classe Operária*. Em 7/6/1947, em uma fotografia com o título “As quinquilharias do Tio Sam”, o Classop afirma na legenda que

enquanto industriais brasileiros, que empregam dezenas de milhares de operários nacionais são deixados à margem da proteção do estado, sem crédito e com a exportação proibida, todas as facilidades concede a inepta ditadura Dutra aos monopólios ianques, cujas quinquilharias estão invadindo o mercado interno do nosso país. Ao invés de altos fornos, operatrizes, locomotivas, navios etc... o que os ianques nos mandam é garrada de matéria plástica, panela de aço inoxidável, lata de ervilha ou leite condensado, cerveja, toucas para senhoras, calções de banho e, enfim muitos outros produtos do gênero.

Se essa é a visão da indústria, sendo invadida pelo imperialismo norte-americano, a situação do campo é diversa. No que tange aos camponeses, o partido continua com a sua política de enfatizar a organização dos mesmos, ignorando suas condições de trabalho. Em 6/4/1946, vemos os camponeses perfilados com as faixas “Comitê Fazenda Brasil” e “Os camponeses exigem escolas e creches”; em 25/5/1946, homens perfilados de mais uma Liga Camponesa pedindo, na legenda, “tudo pela devolução de nossas bases”; em 15/6/1946, com o título “Os camponeses se organizam”, vemos 3 fotos: a de cima, só com homens, a do meio, só com mulheres, e a última, todos juntos, com as crianças à frente; em 2/11/1946, “Organizam-se os camponeses paulistas”; em 2/4/1947, mais uma

Liga Camponesa em São Paulo; em 17/5/1947, milhões de camponeses se mobilizaram pela reforma agrária e pela democracia; em 27/9/1947, a fotografia enfatiza que os camponeses defendem a constituição “depois do fechamento do PCB tudo piorou. Os comunistas são os nossos melhores amigos porque lutam pela nossa liberdade”. No total, entre 1925 e 1953 o jornal publicou 13 fotografias sobre camponeses.

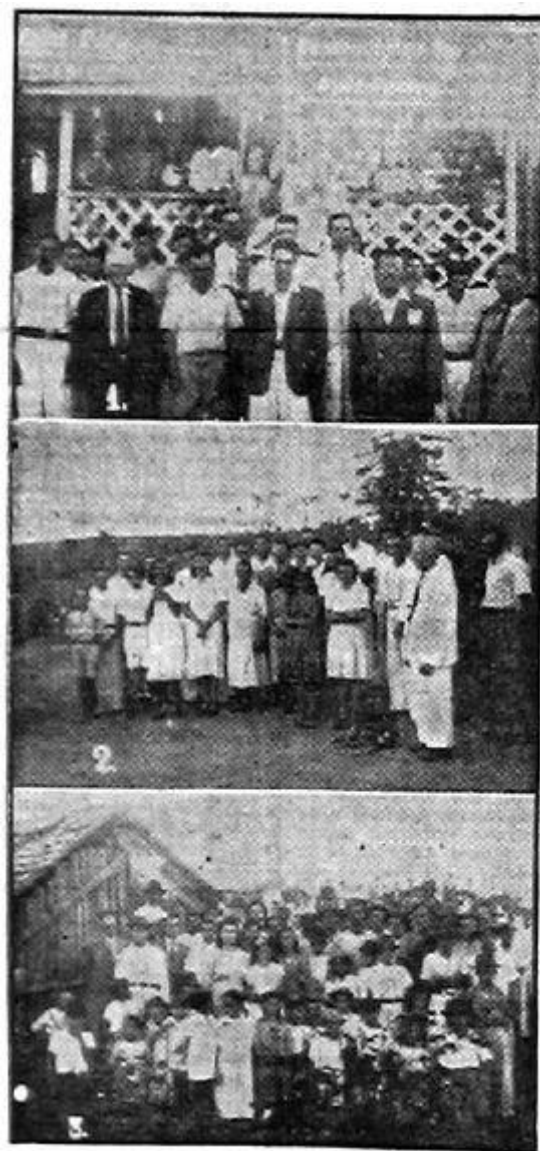


Figura 66 A Classe Operária, 15/6/1946. Arquivo CEDEM.

Se, por um lado, o fotojornalismo enfatiza a organização dos camponeses, por outro, denuncia o atraso no campo. Em 21/12/1946, vemos uma família, com muitos filhos, em frente a uma casa de pau a pique, e a legenda informa “Aí está uma família camponesa... terrivelmente explorada pelos senhores latifundiários, essa família se viu forçada a abandonar a terra, que regava com o seu suor. Aí está apenas um exemplo. Na verdade, são cerca de 30 milhões de camponeses que vivem na miséria e que devem ser organizados...” e, em 24/5/1947, a foto mostra o camponês com um meio de transporte símbolo do atraso, o carro de boi.



O camponês José Morais, com o seu carro de boi, em Santa Maria

Figura 77 *A Classe Operária*, 24/5/1947. Arquivo CEDEM.

Aqui, já avançamos para o período da ilegalidade do PCB. Voltemos, no entanto, para essa virada. Em 17/5/1947, o periódico publica, no edifício da sede do partido na Rua da Glória nº 52 no Rio: “Ali possuía a constituição um verdadeiro esteio, a ordem e a tranquilidade do país um vigilante seguro”. O partido, no período da legalidade, desestimulou greves e tentou atuar dentro do marco legal. A partir da ilegalidade, vemos duas mudanças no fotojornalismo. Primeiro, com a impossibilidade do partido se organizar legalmente, acabaram as fotografias de sua organização, abundantes durante a legalidade. Em seu lugar, encontramos algumas fotografias na Associação Brasileira de Imprensa. Em 15/2/1948, a imagem mostra “flagrantes da reunião de ontem na ABI da comissão pro-liberdade de Gregório Bezerra” e, em 15/2/1948, “flagrantes feitos na ABI... por ocasião do ato público comemorativo de aniversário de Olga Benário Prestes”. Segundo, as fotografias de greves e lutas passaram a aparecer no jornal no período da ilegalidade, o que não ocorria anteriormente. Em 1/8/1951, a legenda afirma “Lutam bravamente os grevistas do Pará. Este é o trabalhismo de Vargas: o chefe de polícia do Pará agrediu um operário que participa de uma greve por aumento de salário”; em 22/5/1948, a unidade dos ferroviários desmascarou o terror policial; e, em 7/6/1947, mobiliza-se os metalúrgicos contra os atentados à autonomia sindical.

Considerações finais

A historiografia ignorou as fotografias publicadas pela imprensa comunista. No entanto, elas servem ao ideário comunista tanto quanto o texto escrito. O *A Classe Operária* publicou dezenas de fotografias no período selecionado para análise, e essa série de imagens possibilita um panorama sobre o fotojornalismo do periódico. Esse fotojornalismo não acompanhou o cotidiano dos trabalhadores urbanos nas fábricas, nem dos trabalhadores rurais nas fazendas, mas construiu sentidos e ajudou na propagação das políticas do PCB.

O jornal, em um primeiro momento (1925-1935), resguardou os militantes, evitando fotografias de comunistas no periódico e retratando os “inimigos da classe”. Por outro lado, após 1945, no período da legalidade, eufórico, compartilhou com os leitores os rostos dos comunistas e o avanço organizacional do PCB na cidade e no campo. As fotografias pareciam comprovar a marcha inelutável

do mundo para o comunismo. A ilegalidade fez o partido retratar as greves e buscar espaços “neutros”, como a Associação Brasileira de Imprensa, para se manifestar, além de continuar com a publicação dos muitos retratos individuais de comunistas nacionais e estrangeiros. A história do fotojornalismo comunista ainda está por ser feita. Aqui, intentamos apenas dar uma contribuição nesse sentido.

REFERÊNCIAS:

A Classe Operária (1925-1953). Centro de Documentação e Memória da UNESP.

ADUM, S. *A subversão no paraíso: o comunismo em Londrina – 1945/1951*. Tese de Doutorado em História - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2002

AFONSO, E. *O PCB e o poder*. 1935, o poder pela força – 1945, o poder pelo voto (os comunistas na Assembleia Legislativa). Dissertação de Mestrado em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2004.

BASBAUM, L. *Uma Vida em Seis Tempos* (memórias). São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

BASTOS, T. Dos arquivos da polícia política brasileira para o público: a “construção” da exposição fotográfica Ruy Santos, imagens apreendidas. XIV Encontro Regional da Anpuh-Rio. Rio de Janeiro, 19 a 23 de 2010.

BASTOS; T. De algos a guardiã: fotografias da Polícia Política no acervo do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. *RESGATE*, Vol. XVIII, nº. 19 - jan./jul. 2010

CARONE, E. *O PCB (1922-1943)*. São Paulo: DIFEL, 1982.

_____. *O PCB (1943-1964)*. São Paulo, DIFEL, 1982.

_____. *O PCB (1964-1982)*. São Paulo, DIFEL, 1982.

DECCA, E. *O Silêncio dos Vencidos*. São Paulo, Brasiliense, 1981.

DULLES, J. *O Comunismo no Brasil (1935 – 1945)*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

_____. *Anarquistas e comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.

FERREIRA, J. *Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: UFF, 2003.

GAWRYSZEWSKI, A. *Arte visual comunista*. Londrina: LEDI/UUEL, 2009.

GONÇALVES, C. *Clube de gravura de Porto Alegre: arte e política na modernidade*. Dissertação de Mestrado, Interunidades de Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, 2005.

KAREPOVS, D. *A classe operária vai ao parlamento: o Bloco Operário e Camponês do Brasil (1924-1930)*. São Paulo: Alameda, 2006.

LIMA, H. *Caminhos Percorridos*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LOWY, M. *Revoluções*. São Paulo: Boitempo, 2009.

MICELI, S. *Imagens negociadas: retratos da elite brasileira, 1920-40*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

- MOTTA, R. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006
- NETO, J. *Solidão revolucionária: Mario Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- PANDOLFI, D. *Camaradas e companheiros: memória e história do PCB*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1995.
- POMAR, P. *Comunicação, cultura de esquerda e contra-hegemonia: o jornal Hoje (1945-1952)*. Tese de Doutorado em História, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006
- REIS, D. *Luís Carlos Prestes: um revolucionário entre dois mundos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- PRESTES, A. *Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- ROSA, Lilian. *Comunistas em Ribeirão Preto*. Dissertação de Mestrado em História. Unesp, Franca, 1997.
- RUBIM, A. *Partido Comunista, cultura e política cultural*. Tese de Doutorado em Sociologia. 1986.
- MORAES, D. *o imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994.
- SEGATTO, J et al. *PCB: Memória fotográfica, 1922-1982*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- SILVA, S. 1935: ilusão, loucura e história. Campinas, *Cadernos AEL*, nº2, 1995.
- SOUZA, J. *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*. Chapeco: Argos, Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.
- TAVARES, R. CARNEIRO, M. (Org). *O porto vermelho: a maré revolucionária*. Série Inventário DEOPS - Módulo Comunistas. São Paulo, Imprensa Oficial/Arquivo do Estado, 2001.
- _____. *A moscouzinha brasileira: cenários e personagens do cotidiano operário de Santos*. São Paulo, Humanitas, 2007.
- TAVARES, R. *Desenhando a revolução: a luta de imagens na imprensa comunista (1945 – 1964)*. São Paulo: Intermeios, 2017.
- ZHENSHENG, L. *Soldado rojo de las noticias*. Espanha: Phaidos, 2019.